Açúcar na Europa

Perspectiva de eliminação de cotas de produção

Plinio Nastari*

A BEM-SUCEDIDA ação iniciada em 2002 pelo Brasil na Organização Mundial do Comércio (OMC) contra exportações subsidiadas de açúcar da União Europeia, que ainda contou com a adesão da Austrália e Tailândia, motivou a grande reforma do regime comum europeu para o açúcar. A decisão final do Órgão de Solução de Controvérsias, de 2005, limitou as exportações subsidiadas europeias a 1,3 milhão de toneladas e fez com que a Comissão Europeia reduzisse o preço mínimo de garantia da beterrada, implementando leilões pelos quais produtores menos eficientes poderiam vender as suas cotas de produção.

As transformações causadas por esta ação foram profundas para toda a indústria europeia, com o fechamento de dezenas de usinas, a extinção da produção na Grécia, em Portugal, na Irlanda e na Finlândia, além de redução significativa na Itália, Holanda e Espanha. As exportações europeias caíram de 6,6 para 2 milhões de toneladas entre 2005 e 2010, e o país que mais se beneficiou desta ação foi o Brasil, que no mesmo período aumentou suas exportações de 13,3 para 28 milhões de toneladas.

No mês passado, a França comemorou 200 anos de introdução da beterraba açucareira, trazida da Prússia por Napoleão, em 1811, para contornar o bloqueio continental imposto pela Inglaterra. A Confederacão Geral dos Produtores de Beterraba da França, uma das mais poderosas e tradicionais alianças de produtores agrícolas da Europa, promoveu uma reunião especial para comemorar o bicentenário. Uma semana antes do evento, a Direção Agrícola (DG-Agri) da Comissão Europeia anunciou a intenção de eliminar por completo o sistema de cotas de produção em 2015.



SXC.HU

Os produtores franceses, em particular aqueles localizados nas regiões da Picardia e Normandia, ao norte do país, são os mais eficientes e competitivos da Europa, juntamente com os produtores do sul da Alemanha. Nos últimos cinco anos, esses produtores se reagruparam, reduziram a área cultivada nas regiões menos produtivas e realizaram um enorme esforço para aumentar a produtividade, que subiu de 11,5 para 16 toneladas de açúcar por hectare.

A intenção de eliminar por completo as cotas de produção representa um novo choque de liberação, e até que seja implantada, se isso ocorrer, vai encontrar muitas resistências. No entanto, a posição relativa de competitividade no mercado mundial dos produtores da França e Alemanha mudou muito, obtendo melhoras graças à reforma do regime comum europeu e à perda de competitividade do Brasil, que, além dos diversos problemas enfrentados nas lavouras, foi comprometida pela valorização do real. Em 2002, o diferencial de custo entre o Brasil e a França era de 300%. Atualmente, essa diferença é de aproximadamente 30%. A reforma gerada pela ação do Brasil na OMC foi muito dolorosa, mas permitiu que os produtores europeus atingissem um novo patamar de competitividade. ■

* Mestre e doutor em Economia Agrícola e presidente da Datagro Consultoria